Ano III (Segunda epoca) — Sabado, 11 de Abril de 1908. — Num 13.

A LUCTA PROLETARIA

Órgão da Federação Operária do Estado de S. Paulo

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES DEVE SER OBRA DOS MESMOS TRABALHADORES. | ENDEREÇO: CAIXA DO CORREIO 580 SÃO PAULO (Brasil) | OPERARIOS: SOMOS PEQUENOS PORQUE ESTAMOS DE JOELHOS. LEVANTEMO-NOS.

Pelas Vitimas do Trabalho

MAIS MORTES. — QUEM SÃO OS CULPADOS. — O DEVER DOS OPERARIOS. — NECESSIDADE DE ACÇÃO.

A questão vai-se tornando de dia para dia mais seria, e o remédio que lhe deve pôr termo mostra-se cada vez mais necessario.

Não é sòmente nos trabalhos da «Espozição preparatoria» que assassinam concientemente os operários que ali vão de olhos vendados como as bestas ao matadouro, e onde, em lugar de encontrarem o quotidiano sustento para as sua familias, os trabalhadores vão achar a morte, que lança éssas familias á mizéria mais negra; não são sómente os andaimes da Avenida Tiradentes que fazem saìr com violencia um grito de indignação de todos os peitos de homens; novas vitimas se suceden, outros operarios pagam com a vida a cubiça ou a inesperiencia de empreteiros velhacos e de enjenheiros idiotas.

Estava ainda bem viva em nós a dor que a morte dum caro companheiro nos troussera: um companheiro que conheceramos forte e cheio de saude, que ao nosso lado lutara, na bela peleja pela emancipação humana — quando um novo acontecimento não menos triste, veio aumentar a nossa indignação contra esta grande cambada de canalhas que nenhum cuidado têm pela vida dos operários que por desgraça põem ao dispôr dêles a força dos seus braços.

Nos trabalhos de escavação na Rua Espirita um desmoronamento de terra sepoltou, na manhã de domingo, 7 operàrios, matando um e ferindo gravemente cinco. A malvadez dum feitor tinha mandado estes operários escavar uma galeria aos pés dum morro que não podia de forma alguma rezistir aos trabalhos que nêle se faziam.

Diante de tais acontecimentos que se repetem continuamente, diante da indiferença criminoza dos verdadeiros culpados, não podiamos nos, operários organizados de S. Paulo, cruzar os braços. Para garantia da nossa vida, que nos è precioza porque reprezenta a vida das nossas familias, deviamos fazer ouvir a nossa voz, e que ela seja como que uma chicotada na face dos grandes criminozos, ou seja uma séria admoestação para que se procure, pòr parte de industriais e empreteiros, pôr um limite a estes escandalozos assassinatos. Na reùnião dos conselhos dos Sindicatos operários rea-realizada na segunda feira passada, levantou-se uma voz, chamando a classe ao cumprimento de um dever. E esta voz teve eco na nossa assembleia, onde se deliberou iniciar desde já uma séria e eficaz campanha contra enjenheiros malvados e feitores canalhas em cujas mãos está agora a nossa vida, a vida dos nossos irmãos de trabalho e preparar o espirito da classe operária de S. Paulo, para que, no cazo de vir uma nova desgraça enlutar a familia operária, seja possivel a realização dum comicio público de enérjico e vibrante protesto.

***

Disse alguem que os operários são os maiores responsaveis pelas desgraças que lhes acontecem e que a nossa tarefa, a tarefa das nossas organizações deveria ser convencê-los a não pôrem em risco a sua vida, recuzando-se a aceitar trabalho onde ela não tenha todas as garantias possiveis. Muito bem:

Assim deveria ser; os operários deveriam, de por si, protejer a sua ezistencia contra os assassinos que lh' a ameaçam.

Mas, desgraçadamente, o operário ainda imbecil, ainda demaziado besta para compreender a necessidade da reáção, o operário *que preciza de trabalhar* porque a átual sociedade o poz na condição de viver forçozamente subjugado ao trabalho, mesmo quando não pode nem o deve ser; o operário que tem uma familia para cuidar, filhos para sustentar e tem mêdo da concorrencia, sujeita-se, ás vezes bem contra a sua vontade, em trabalhos arriscadas; ve o perigo mas espera não ser por êle alcançado; sobe ao andaime de tábuas despregadas, prometendo a si mesmo ser prudente, cautelozo; ataca a golpes de picareta o [illegible] do morro, prometendo a si mesmo [illegible] pronto a pular para o lado a primeira ameaça de desmoronamento.

Uma vez em cima do andaime, uma vez no trabalho, os olhares ameaçadores do guarda, a febre de átividade á qual o incitam as palavres do feitor fazem com que êle esqueça o perigo e caia fatalmente no espaço, ou seja alcançado pelo desmoronamento que o mata.

Mas, nem todos os operários conhecem o perigo e nem sempre podem cientificar-se da armadilha que lhes está preparada; nos trabalhos da espozição, por ezemplo, aceitam-se operários que não pertencem ao oficio em que são ocupados, e que não têm, portanto, a prática necessária; empregam-se homens como se empregariam burros ou cavalos para se aproveitar o esforço dos seus musculos e não a sua intelijencia e a sua capacidade num oficio; fazem subir a um andaime individuos que nunca se acharam um metro acima do chão; lançam-se ao perigo pobre moços, infelizes creaturas que não o vêem, que não podem vê-lo. Da mesma maneira, um pobre trabalhador de pìcareta não pode e não sabe compreender se o morro, aos peis do qual êle sua e labuta, suporta ou não a escavação de uma galeria que o feitor o obrigou a fazer. Culpar estes operários da sua desgraça è injiusto, inumano, indigno de homens de bons sentimentos.

Os verdadeiros, os ùnicos culpados destas desgraças são os que se aproveitam da inconciencia, da necessidade de viver dos operários para os mandarem a pontos onde a sua malvadez e a sua ganancia lhes prepararam a armadilha que dá a morte aos pobre slabutadores, que pela sua bôa-fè, pela necessidade que têm de ganhar o pão para a familia, ali trabalham.

***

Em S. Paulo, como em toda a parte vigora no sistema social a mais vergonhoza oligarquia. Os *filhos de papai* são escandalozamente protejidos, embora esta protecção custe a vida a uma pleiada de trabalhadores; e por esta razão que se encarregam de dirijir um trabalho de tanta responsabilidade como o pavilhão da Espozição uns criançolas, enjenheiros recem formados, que querem ter, da noite para o dia, uma prática que só se pode adquirir com um longo e paciente tirocinio. E' por estes motivos que se encontram na direção e na fiscalização das obras individuos ineptos, gabarolas, prepotentes e sobretudo incapazes de assumir aquella responsabilidade que deve ter nestes cazos o empreteiro ou dirétor do trabalho.

E' ainda e sempre, o Deus do ouro, o capital, que da altura do seu assento dourado estende os seus tentáculos sobre a enorme massa proletária; e ainda èle que não contente con esplorar-lhe as energjias, atrofiar-lhe a intellijencia, e chupar-lhe o sangue, quer ser ainda o dono da sua vida, quer estar no direito de sacrificar á ambição dos seu acólitos, aquela ezistencia cujo respeito está escrito no principio de todos os codigos de todas as lejislações. Mas a lei è como uma teia de aranha: os pequenos, os mosquitos, tropeçam e ficam prezos; os grandes, estes, se tropeçam nela, furam-na e passam incólumes para outro lado.

Assim, vai para a Cadeia da Luz o caroceiro, o operario que esfaqueia num momento de ezaltação alcoolica, ao passo que esses homens sobre cuja conciencia peza o assassinio de tantas pobres vitimas, passeiam impunes, respeitados pela cidade.

***

Em toda a parte do mundo os operarios não se cansam dè protestar de qualquer forma sempre que um seu companheiro cai vitimado pelos ladrões de luvas amarelas, e os telegramas que nos chegam prezentemente da Italia trazem-nos a noticia duma ajitação que alì foi começada, a qual os *maus postores* conseguiram abafar.

Esta ajitação fôra iniciada no acompanhamento ao cemiterio dum operário, vitima do trabalho, e teve como epilogo a repressão dos canibais do govêrno que, em prezença do féretro dum homem assassinado pela ferocidade capitalista, mataram a tiro de carabina outros homens, outros proletários. Esta é desgraçadamente, a sorte que nos espera: Matam os nossos irmãos no trabalho e assássinam-nos a nòs a tiros de espingarda quando tentamos levantar a voz para demonstrar que a nossa paciencia tem tambem um limite e que entendemos não continuar a subjugar-nos a um estado de coizas brutal.

A favor dos grande patifes, para lhes defender o direito da matar intervem, ferino e agressivo, o ezército.

Isto deverá, talvez, impedir-nos de pôr em prática um bom sistema de reáção contra toda esta raça de delinquentes que ezercita, aqui como um todo lugar, o seu direito sobre nòs, a nossa vida, a vida das nossa familias? Não, não, mil vezes não!

Continuar no átual estado de inercia, seria para o proletariado paulistano a maior das vergonhas. Precizamos ajìr, ajir como pudermos; e diante destes factos, dos acontecimentos que têm sucedido em S. Paulo nesta ultima semana, é necessaria a nossa reação, urje fazer ouvir a nossa voz até onde êla não chegaria com certeza se nos limitassemos ao protesto platonico da imprensa.

Talvez nos esperem tambem a nós aqui — quem sabe? - os salteadores fardados, e os assassinos dos nossos irmãos tenham neles afeiçoados defensores. Mas, que importa?

Morrer assassinado pela inesperiencia de um criançola que se diz enjenheiro construtor, ou pela ganancia dum feitor malvado, ou morrer assassinado pelo chumbo do governo é a mesma coiza, com a diferença — que, no segundo cazo é mais provavel que o sangue proletario seja fecundo de ensinamentos e estimule os nossos irmãos ás grandes batalhas que deverão arrancar das mãos dos ladrões o direito á nossa vida á tranquilidade das nossas familias.

***

Operarios de S. Paulo:

As desgraças que, quazi todos os dias vêm ferir os nossos companheiros na quotidiana luta pela vida devem despertar em nòs os mais altos sentimentos de solidariedade humana. Não basta convencer os operarios a não ir trabalhar onde a sua vida està em continuo perigo: è necessario aproveitar o ensejo para gritar á face dos nossos vampiros o nosso protesto imperiozo e reivindicador.

Quando uma nova desgraça vier enlutar a nossa familia operaria, quando uma nova vitima caia, talvez amanhã, nas garras assassinas de patrões canalhas ou de engenheiros e empreiteiros burros, nós vos chamaremos a um comicio publico.

Queremos a vossa prezença para que tributeis ás vitimas o ultimo dever de solidariedade, — para que demonstreis aos carrascos que nós, operarios, estamos fartos de tamanhas infamias, — que não queremos sacrificar a nossa vida em beneficio da sua tacanhice criminoza, — **que, de uma vez para sempre, ezijamos para a nossa ezistencia todas as garantias que a pratica, as descobertas da ciencia vieram por á dispozição dos que labutam pela creação das riquezas sociais.**

Se não responderdes a este apêlo, companheiros, se a solidariedade que vos pedimos viesse faltar-nos à ultima hora, — não puderiamos deixar de ter para convosco a compaixão que se tem para os que deceram ao ulimo grau de inconciencia.

Um idiota que assina Lourenço Tokio. — *Leitor assiduo* — enviou-nos uma carta que é um verdadeiro documento da sua imbecilidade. Diz este pobre diabo que somos uns burros, porque o artigo nas «Obras da Espozição», publicado no numero passado, estava cheio de erros ortográficos, a começar pelo titulo, pois a palavra «Espozição escreve-se com *x* e não com *s*.

Reproduzimos, sem tirar nem pôr dois periodos dessa carta, os quais bastam de per si para patentear o comprimento das orelhas de tal critico.

«Para que esse burro possa dizer pobre Brasil è preciso que êle pague todos os beneficios que *o tem prestado*

Este tal Martins mestre dos carpinteiros da Exposição é um homem muito educado; *se interrogou os trabalhadores porque não vieram trabalhar o resto do dia, com razão*, porque é de seu dever.»

É um asno destes que nos quer dar lições! Diz ële que espera resposta pelo jornal. Ai vai:

Se tu não fosses um pobre idiota, terias visto que a «Luta Proletária» adóta, na medida do possivel, a reforma ortográfica aprovada pela Academia Brazileira, e que portanto, te pareceram erros as palavras escritas consoante a ortografia portugueza reformada. Mas tu entendes lá alguma coiza disto, pateta! O artigo que te atiçou a sanha é dum nosso companheiro de redàção, que é cidadão brazileiro, e a esclamação: «Pobre do Brazil!!» saiu-lhe espontataneamente ao fazer notar, que os operários nossos patricios não têm bastante enerjia para dar uma lição a todos os canalhas da laia do tal Martins, nem para reajir contra os grandes assassinos em cujas mãos se acha a sua vida e a vida de outros operários que, mesmo sendo estranjeiros, dão ao nosso paiz toda a sua enerjia e produzem todas as nossas riquezas.

Compreendes, imbecil?

A REDAÇÃO.

AVIZO

aos assinantes e leitores

Por cauza do grande trabalho que nos traz a preparação do nosso 2.º Congresso, o número 14 da Luta Proletaria não sairá na próssima semana.

Será publicado logo apoz a realização do Congresso e dará uma relação ampla e detalhada das decizões tomadas por êle e das discussões que nêle tiverem havido.

A ezuberancia de materia obriga-nos a adiar para o prossimo numero diversos artigos de colaboração em italiano, correspondencias do Rio, noticias, e artigos de polemica.

Companheiros da "Luta Proletaria"

Em vosso penultimo numero num artigo assinado por *Cruz* lia-se um trecho em que esse companheiro afirmava solenemente que as organizações de Santos, Campinas, etc. são *deficientissimas*.

Pergunto eu: como, e de que forma julga o companheiro essa deficiencia?

Conhece a orientação das nossas Ligas? No caso afirmativo, quaes os seus erros?

Sem mais, espero que esse companheiro responderá as minhas perguntas, espondo amplamente a sua opinião,

Santos, 5-4-908

LUIZ LA SCALA

Boicotai os produtos Matarazzo.

Ha salvação fora da Igreja...

Um dos temas propostos ao Congresso é assim formulado: « E' util que as Ligas façam propaganda anti-relijioza? »

Este modo de aprezentar a questão pode desviá-la dos seus eixos, parecendo ser essa àliás, a tendência, quázi tanto dum lado como do outro, na pequena controvérsia travada na *Luta*.

Não se deve tratar de dar novas doutrinas, mais « funções teoricas » ás Ligas, mas discutir se os associados, sob sua propria responsabilidade, têm ou não direito de espôr ideias, embora não « oficiais », e em que condições. Não procuremos saber se o *sindicato* (liga) pode e tem o dever de fazer propaganda sobre todos os assuntos segundo determinado critério, mas se os *sindicados* (socios) podem e devem ter essa liberdade, segundo o seu critério próprio, dentro do sindicato, nas tribunas sindicais da reunião ou da imprensa. E não se pergunte se é útil que estes façam *tal* propaganda, mas se *é util que possam livremente fazê-la, ou o contrário*.

Eu entendo que o sindicato deve ter a menor porção possivel de doutrina « oficial »; basta-lhe a defeza da sua própria ezistencia e autonomia, a especificação do seu fim primordial, (que é a *rezistencia contra* o patronato, a conquista de mais bem-estar), e uma baze de acôrdo no método de ajir. A decretação de doutrinas oficiais não é só nociva ao dezenvolvimento *numérico* do sindicato, mas á sua *vitalidade*, endependente do número. O sindicato fica em breve reduzido aos partidários da doutrina oficial, os quais perdem um forte motivo de actividade.

Parafrazando os adeptos da separação da Igreja e do Estado, digamos: O sindicato não proteje nenhuma Igreja especialmente, mas garante no seu seio a livre discussão, factor educativo, motivo de vitalidade e baze de acôrdo. E' este o único meio de desmentir e combater a intolerância do *fora da Igreja não ha salvação*.

A proibição ou restrição da propaganda de ideias teria os mesmos inconvenientes que a ficsação duma ortodocsia. Primeiro, seria impossìvel. Que fiscalização, que polìcia, para impedir a manifestação das ideias vedadas! Quantos vexames, quantas injustiças e quantos protestos! No próprio jornal, a censura prévia era a arbitrariedade, o protesto, a discórdia! Primeiro rezultado: o desgosto e o afastamento dos elementos mais activos.

— Mas afastam-se tambem os tímidos, os inconcientes...

Nesse cazo, se a discussão afujenta os inconcientes, e se por isso renunciamos a ela, caimos numa contradição tremenda, que implica a morte do sindicato.

A discussão é inevitavel, e é impossivel fixar-lhe limites — a não ser talvez, repito, restrinjindo o grupo, reduzindo-o a uma pequena seita inerte e impotente. Nem assim: a discussão renaceria, e renaceria mais pequenina, mais estreita, mais irritante... Bom ou mau, o unico meio de educar é a discussão.

Em qualquer grupo ha discussão: a discussão que precede a acção, que sem isso seria inconciente e improficua. O operário é chamado ao sindicato para a ouvir, tomar parte néla, *educar-se*, tornar-se conciente dos seus direitos. Ouvindo ou discutindo, formará a sua opinião.

Como chamar ao sindicato o operario para que se eduque... e renunciar ao mesmo tempo a essa educação?

A livre discussão, se é necessária sempre, muito mais necessária e inevìtàvel é dentro das associações operárias, onde se elabora um direito novo e se adquire uma nova capacidade. Qualquer restricção é um contrasenso, que aniquila todo incentivo de actividade e de instrucção, que dezorganiza e afasta enerjias. E « livre discussão » é o contràrio de « doutrina oficial ».

Quanto aos inconcientes, aos timidos, é precizo acrecentar que o sindicato é afinal constituido, em tempo normal, por um certo nùmero de activos, obrigados a ir *procurar*, chamar, sacudir, tanto os associados, que pagam a quota (nem sempre), mas não vão á sede social, ás reuniões, ainda que lá não se discuta..., como os não associados. Ter todo o cuidado para os sindicar, evitar as discussões amedrontadoras, e ter afinal de ir procurá-los, como se não estivessem associados, — confessemos que é fazer um sacrificio, além de perigozo e contraproducente para a vida do sindicato, — que é sobretudo um nùcleo de militantes, sempre na brecha e sempre mexendo, — um sacrificio, digo, bem pobre de rezultados quanto ao fim que se tem em vista: o recrutamento de sócios. Em tempos de ajitação esses quotizantes apáticos vêm ao sindicato; mas então vêm até os não associados.

Portanto: livre discussão, nenhuma Igreja privilejiada. Liberdade para quem deseja propagar e defender mesmo funções não essenciais ao sindicato, mais próprias das cooperativas, das sociedades beneficentes ou de socorros mùtuos... Liberdade até para quem dezejar criticar a discussão de certos assuntos e mostrar as suas preferências por outros... Liberdade para todos: para êsses e para os outros.

***

Há, porém, outra ordem de considerações, outro ponto de vista, sobre o qual talvez seja facil o acôrdo e no qual se desfarão talvez malentendidos ezistentes.

Em vez de restrições irritantes e nocivas, podemos concordar numa escala, numa ordem de *prefèrencia*, não quanto às ideias, mas quanto ao assunto e á forma, e isto em consideração das eziguas *possibilidades* de publicidade.

Não se trata de *escluir*, de proibir, mas de *preferir*, no jornal.

Essa preferéncia deve ser guiada, naturalmente, pela *natureza e fim essencial* do sindicato e *carácter fundamental da sua acção*: pela *oportunidade* do assunto; pela *mentalidade e preparação* dos leitores. E' uma simples questão, não de princípios, mas de espediente, um avizo aos colaboradores, para que saibam quais os artigos preferidos, que entrerão primeiro, que terão mais probabilidades de ser aproveitados. Essa precedéncia é mais fácil de estabelecer que a escluzão de ideias, inquinada de sectarismo.

Vem primeiro o que se refere á vida interna, ao funcionamento e á acção quotidiana do sindicato: rezumo de rezoluções, as greves, as vexações patronais, etc.

A acção do sindicato não tem un carácter *escluzivamente* econômico; não o teria, por mais « moderado » que fosse. Procurando arrancar ao patronato mais pão, melhorar a oficina para o operario, encontra a cada passo na sua frente os aliados do patrão. Mas, se não o é *escluzivamente*, a sua acção é *fondamentalmente* económica.

O sindicato é um grupo *de classe*, bazeado sobre os *interesses economicos* dos salariados; luta sobre esse terreno; e emprega os meios que rezultam da condição de *trabalhador* e da força da associaçao, meios comuns a todos os trabalhadores, considerados como tais. A acção do sindicato é *subordinada* ao caracter económico do seu fim essencial, gira em torno da oficina, ainda quando deixa de ser *só* económica; e assenta sobre o terreno económico, nos seus meios.

Nem sò de pão vive o homem; mas vive *primeiramente* de pão; a questão económica é a *primeira*, a mais importante para o operário, sobretudo sindicado, e deve, pois, ser a primeira das suas preocupações, o assumto preferido das suas discussões.

Quanto à *oportunidade*, não vale a pena insistir: o artigo oportuno, de actualidade, è o mais lido, e *discutido*, o que mais influencia ezerce.

Por ultimo, é necessario ter em vista a preparação, a instrução dos leitores: os artigos preferidos devem ser escritos em linguajem clara, simples, popular; ocupar-se de factos, que os leitores possam verificar; tratar do que directamente interessa o leitor, do que êle melhor compreenda. Os escritos documentados, os estudos e comentarios da vida real, quotidiana, são preferiveis, nêsse sentido, ás divagações, às considerações filozoficas... Assim, sob este ponto de vista, tomando um ezemplo num dos motivos desta discussão, se houvessemos de escolher entre um artigo sobre a ezistencia de Deus, a immortalidade da alma ou mesmo a influencia *teórica* das *idèias* relijiozas, coizas abstractas e vagas, e um escrito sobre a fundação duma "liga operaria catolica", sobre o perigo duma associação confessional operaria, bazeada num dogma, uma ideia, uma doutrina oficial, e não interesses economicas, ou sobre a atitude dos padres num conflito entre o Capital e o trabalho, coizas concretas estas, qual deveriamos preferir?

A resposta dá-se facilmente.

Portanto: não estorvemos a discussão, não escluamos ideias, mas, como espediente, nos nossos orgãos, *prefiramos* os artigos: relativos ao funcionamento sindical, à natureza e acção do sindicato e á questão fundamental econòmica; oportunos claros, documentados e concretos.

E. F.

A SITUAÇÃO DOS CHAPELEIROS

(Dedicado a todos os operários e particularmente aos chapeleiros de S. Paulo).

Companheiros:

Como sabeis, os chapeleiros de S. Paulo lutaram durante dois mezes para não perder as 8 horas que tantos sacrificios e enerjias custaram a todo o operariado desta capital. Pois bem; os chapeleiros das fábricas Matanó, Serricchio & Cia. e M. Villela & Cia. fôram os que mais rezistiram e, por consequencia, os que mais sofreram.

Operários concientes, não podiam consentir em trabalhar 9 horas em lugar de 8, e foi por este motivo que lutaram com constancia até ao ultimo momento. Mas surjiu a nuvem negra, esse rebando de mizeráveis inconcientes chamados crumiros, que se submeteram a trabalhar 9 horas, e a greve fracassou. Em vista disto, a «União» deliberou que os grevistas fossem trabalhar nas outras cazas onde se trabalha 8 horas, pois as cazas Matanó e Villela trabalhava a crumirajem. Uma parte dêles arranjouse desta forma; mas a outra?, pergunto eu a todos os operarios em geral.

O que será deles? talvez ninguem se lembre que esses operários se acham na mais mizeravel das condições: sem pão, sem caza, sem abrigo; abandonados e dezesperados da sua vida. E nós, operários de S. Paulo e de todo o Brazil, devemos consentir que estes infelizes companheiros continuem na sua grande mizeria? Em nenhuma fabrica os aceitam porque são revolucionarios, dizem êles; concientes digo eu.

Por isso, todos os fabricantes de chapeus estão de comum acôrdo para não dar ocupação nas suas fábricas a estes companheiros. Mas desta maneira êles passam a fome: e isto já me foi confirmado por um chapeleiro que me disse que êle e seus filhos não acham trabalho em nenhuma fábrica de S. Paulo. Acrecentou mais, que os que trabalham — a maioria — lhe têm negado apoio, pois numa reunião da «União» alguem propoz de aumentar a quota a 2$000 rs. e fazer uma subscrição obrigatória tambem de 2$000 rs. por mez, isto para socorrer os desempregados e esta proposta foi rejeitada.

«Então, quer dizer que nós devemos passar fome — disse-me este chapeleiro; pois desde que terminou a greve, somos 25 ou 30 pais de familia sem pão nem trabalho».

Deixo os comentarios aos operários todos. Por minha parte, acho que não devemos consentir que aquêles que tantos sacrificios fizeram no ultimo movimento proletario tenham que queixar-se da pouca solidariedade que lhes estamos prestando.

A questão, creio eu, carece ser estudada e com a maior urjiencia. Está nisso a nossa dignidade de operários.

ACRACIO

Apoiado! — N. da R.

PEÇO A PALAVRA

Companheiros da Luta Proletária

Saudações

Com a iniciativa da 2.ª conferencia Estadual, naceu uma certa ajitação no meio operário, ora franca e leal, ora esplodindo em convulsões vulcanicas de preconceitos velhos, de bairrismo tolo, de paixões violentas, duplamente prejudiciais. De um lado ha socialistas, de outro, catolicos, de outro republicanos, este é protestante, aquêle anarquista. Este quer que a luta seja franca e aberta chamando pão ao pão, e queijo ao queijo, aquêle quer que a luta se mantenha com as devidas rezervas, que a franqueza, diz êle, as vezes prejudica, e é precizo acompanhar a maioria, e ser recatados, fazer e não dá-lo a demonstrar; estar bem com Deus e com o diabo. Ora, diante de tudo isto, eu, apezar de não ir ao Congresso, peço a palavra.

Creio que não darei motivo para ser escomungado pelos companheiros por esta minha indiscrepção. Antes de tudo digo: Não venho fazer questão pessoal, nem tenho o intuito de sair vencedor, não me ofusca o espirito de grandeza, nem de superioridade: talvez que a palavra traçada no papel, por mão rude, deixe escapar aqui ou ali um golpe mais forte que parecerá uma indiréta porem ao contrario, são golpes sinceros e leais.

Entremos no assunto: Publicados os temas para a conferencia, levantaram aqui o espirito da controversia: alguem se lembrou de dizer que não deveriam ser discutidos temas que tratem da relijião e do militarismo, alegando em defeza da sua opinião que nós nada temos a ver com isso; que nós ao organizar-mo-nos em sindicatos tencionamos defender nossos direitos, e para tratar de nosso bem-estar.

De acordo; porem estas palavras nada provam. Sinão vejamos: Qual é a cauza que nos leva a organizar-nos para lutar pelo nosso bem-estar? Creio que devem ser as pessimas condições morais e economicas, em que nos achamos, a mizeria, a degradação. Quais são os fàtores que àtuam, para que este estado de coizas se sustente, se eternize?

A má organização social, o regimem depravado, tendo por principal escopo, chupar o sanghe do mizero operario, em proveito duma maioria parazitaria que se reduz a folgança emquanto o operario se aniquila sob um trabalho ezajerado, brutal, aniquilador; o monopolio da propriedade das terras, das maquinas, dos instrumentos de trabalho, em beneficio de poucos, em prejuizo da maioria, dos operarios, dos trabalhadores.

Porem esta minoria seria vencida no primeiro combate pela força e pelo numero que, é indubitavel, está com nòs. Então qual é a força que êles antepoem a nossa força? Qual é? «A batina do padre, a farda do soldado» estas são as suas escoras, as suas alavancas que se entrelaçam para suportar o choque da massa operaria, que dia a dia bate em seu redor ameaçando derrubar o inimigo.

Isto, como vemos a cada momento, não é uma mentira, não é uma fantazia, é uma realidade. Infelizmente temos ezemplos tristissimos da sua nefasta influencia.

De que forma àtuam estes fàtores em favor da classe privilejiada, e em nosso prejuizo? E o que tentarei espor no prossimo numero, si os camaradas da «Luta» tiverem a bondade de dar cabida as minhas toscas considerações: até lá peço a palavra.

Santos 1 de Abril de 1908

ELADIO CEZAR ANTUNHA

A sociedade dos Crumiros Chapeleiros

Diz um velho adajio que a montanha apoz longa gestação pariu um ratinho. Os crumiros das fàbricas de chapeus realizaram afinal alguma coiza no seio da sua sociedade, fundada, como dissemos, para proveito dos seus proprietarios de 2 fábricas de chapeus: nomearam a comissão directiva.

Imajinam os operários quem é o tezoureiro da sociedade dos crumiros?

E' o seu patrão, o guarda, o que conduz pela rédeas este bando de pobres asnos; é o gerente da Casa Villela.

Sabiamos que estes infelizes eram traidores, canalhas, eram vagabundos que acabaram com o movimento dos chapeleiros em S. Paulo; mas julgavamos que tivessem ainda, no fundo da sua conciencia, uma migalha de dignidade e que na sua nova vida de operários, esplorados, escarnecidos por aquêles mesmos canalhas que se aproveitaram da sua inconciencia para saírem aparentemente victoriozos, tivessem mais cêdo ou mais tarde, ao pensarem nas suas condições, encontrado em si mesmos um resto de enerjia para remediar o mal que fizeram a outros operarios.

Entretanto, quando vimos uma duzia destes infelizes, completamente embriagados, dar vivas debaixo das janelas do seu carrasco, o tezoureiro da sua sociedade, o sangue subiu-nos à face e ficámos envergonhados por êles.

Estes pobres diabos perderam tudo: vergohna, dignidade, reputação.

Que pena nos fizeram naquêle momento estes operários! Que pena nos fazem todos os carneiros da nova sociedade!

Coitados!!!

SERJIO

Federação Operária

O Comité da Federação é convidado para a reunião estraordinaria que se realizará no dia 14 do corrente para proceder á leitura de relação que vai ser aprezentada ao 2.º Congresso Estadual.

O nosso Congresso

A primeira sessão do segundo Congresso operario Estadual realizar-se-á, conforme noticiámos, no dia 17 do corrente, ás 7 e meia horas da noite em ponto.

TEMAS

E' necessario que as organizações continuem na atitude de completa neutralidade em frente dos partidos politicos?

LIGA OPERARIA, *Amparo*
LIGA O. DE CAMPINAS, FEDERAÇÃO OPERARIA
Relator: *Julio Sorelli*.

E' util que as Ligas façam propaganda antirelijioza?

FEDERAÇÃO OPERARIA
Relator: *Pylades Grassini*.

Quais os meios mais praticos para dezenvolver a propaganda de organização operaria?

FEDERAÇÃO OPERARIA
Relator: *Espartaco*.

E' conveniente que as organizações operarias procurem dezenvolver a propaganda antimilitarista por todos os meios ao seu alcance?

SIND. DOS PEDREIROS, SANTOS.
Relator: *Luiz La Scala*.

Qual deve ser a atitude das organizações operarias nos cazos em que as arbitrariedades das autoridades cheguem ao auje?

SIND. PEDREIROS, SANTOS.
Relator: *Luiz La Scala*.

Haverá necessidade da mediação das Federações Estaduais entre a Confederação Rejional Brazileira e as Federações Locais?

SIND. DOS FUNILEIROS, SANTOS.
Relator: *José Louzada*.

Não será de utilidade a creação de uma universidade operaria para ilustração e educação do proletariado?

SIND. DOS FUNILEIROS, SANTOS
Relator: *José Louzada*.

Sera util a distribuição de subsidios em cazo de grevea?

LIGA TRAB. EM MADEIRA, S. PAULO
Relator: *Vittorio Garelli*.

Trarão algum rezultado as diversões de propaganda no seio das associações de classe?
Em caso afirmativo, quais escolher de preferencia?

LIGA OPERARTA DE CAMPINAS.

Qual é o meio mais pratico para garantir a vida dum órgão defensor da classe?

LIGA OPERARIA DE CAMPINAS.

Será conveniente propagar nas organizações operárias a não admissão dos menores de 14 anos no trabalho?

SINDICATO DOS CARPINTEIROS, *Santos*
Relator: *Luis Bento*.

Qual é o melhor meio para impôr indenizações pelos acidentes de trabalho?

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*
SINDICATO DOS PINTORES, *Santos*
Relator: *Atonio Paes Junior*.

Que meio podemos adótar para impedir a crumirajem em cázos de greve.

LIGA OPERARIA, *Limeira*

Os delegados dos Sindicatos á Federação, devem votar de acôrdo com as deliberações das assembleias dos mesmos sindicatos, ou de conformidade com o seu modo de pensar?

UNIÃO DOS TRAB. GRAFICOS, *S. Paulo*

Devemos ou não combater a esploração das mulheres e creanças? Em caso afirmativo, de que forma?

UNIÃO DOS TRAB. GRAFICOS, *S. Paulo*

Pagamentos aos operarios por semana.

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*

Criação e dezenvolvimento de cooperativas de produção e de trabalho, e ajitação pró "Livre Pensamento"

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*

A organização operaria e a tatica que se deve adótar.

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*

Creação de uma escola noturna de geometria para os socios.

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*

Qual é a melhor maneira de castigar os crumiros?

SIND. DOS TRAB. EM VEICULOS, *S. Paulo*.

É util que por ocazião de greves a Federação se encarregue de abrir um armazem para vender os generos aos grevistas, o mais barato possivel?

SINDICATO DOS CANTEIROS, *S. Paulo*.

E' util a sabotájem?

SINDICATO DOS METALURJICOS.
São Paulo.

O movimento em S. Paulo

"Pró Boicotajem"

Como rezulta da publicação da ata da reunião geral dos Conselhos dos Sindicatos, que publicamos em outra secção do jornal, ficou constituido em S. Paulo um Comité com o escluzivo encargo de cuidar da iniciativa da "Boicote à Caza Matarazzo".

Seria bom que todas as Ligas do interior fizessem o mesmo: nomeassem uma comissão de companheiros que pode chamar-se como a daqui: "Comité pró Boicote". Todos estes comités procurariam estar constantemente em correspondencia entre si, aussiliar na sua óbra o comité central de S. Paulo e communicar ás respectivas Ligas as decisões tomadas.

Com este meio pode-se activar a propaganda e dar impulso a iniciativa do Boicote.

A correspondencia para este comité deve ser dirigida: Ao Comité "Pró Boicote" — Caixa 580, S. Paulo.

Este comité lembra a todas as sociedades de S. Paulo e do interior a necessidade de se mandar imprimir em todos os manifestos e publicações sociais uma nota em que se faça um apêlo aos operarios, para que boicotem os produtos da "Caza Matarazzo".

Ajitação dos barqueiros

Os transportadores de tijolos continuam em greve.

O serviço de barcas está totalmente paralizado e assim continuar á sem duvida — dá prova disto o entusiasmo e a boa vontade dos grevistas — até a classe dos patrões achar oportuno mudar de tatica.

Os patrões quizeram macaqueiar os seus colegas marceneiros e fundaram tambem uma associação de rezistencia que esperamos ver, como a coirmã, de pernas pelo ar.

A tal sociedade tem publicado um comunicado na inprensa de S. Paulo afirmando, com um caradurismo ecsepcional, que aos barqueiros será proibido de carregarem os tijolos em todas as olarias da sociedade, cazo continuem a insistir na sua atitude. Os tijoleiros responderam por sua vez, pedindo aos *grandes homens* como podiam neste cazo, trazer á venda a sua mercadoria. Escuzado é dizer que os patrões não responderam.

* * *

Os grevistas realizam reuniões todos os dias na sua sede. As assembleias têm corrido bem animadas; numa dêlas foe deliberado aconselhar aos pedreiros de S. Paulo o boicote a duas marcas de tijolos.

Os tijolos que sarão boicotados são produzidos pelos dois proprietarios que mais se destinguem na sua obra de reação.

Os transportadores de tijiolos fazem apêlo à classe dos carroceiros pedindo-lhes de recusarem-se de carregar os tijolos nas olarias onde os mesmos possam ser transportados com carroças.

Ai lavoranti sarti

Cari Compagni,

Siete pregati vivamente d'intervenire alla riunione generale che avrá luogo lunedì, 13, alle sette e mezza di sera, dove saranno trattate alcune questioni di moltissima importanza.

Ascoltate il nostro invito, compagni, non fate come il solito, orecchie da mercante, perchè, in questo caso, il male nostro diventerá sempre maggiore e quei manigoldi di padroni ci calpesteranno sempre piú.

La classe dei sarti deve, come quella degli altri operai, unirsi per migliorare la propria condizione, e per questo dobbiamo approfittare dell'esempio che ci danno i nostri compagni di quá e di tutto il mondo, bisogna diventare uomini anche noi.

Perciò non mancate di intervenire a questa riunione. Noi vi aspettiamo.

F. SACCHI.

Trabalhadores em Olaria

O sindicato dos trabalhadores em olarias envia-nos uma carta que desejava ver publicada, mas que nos è impossivel publicar por falta de espaço. Nesta carta o sindicato protesta contra o procedimento do proprietario Dionisio Mori que esije dos seus camaradas a produção de 10 tijiolos em mais per cada milheiro. A mais este tipo quer evitar que os tijioleiros, nas horas de descanço, conversem com os trabalhadores de outras olarias, chegando a por grande quantidade de vidros na pequena passada que serve de comunicação entre a sua olaria e uma olaria prossima.

E' provavel que estas maldades provoquem no meio operario dali um movimento do qual o senhor Mori não gostará pela certa.

União dos Sindicatos

(Reunião do dia 6 de abril)

Prezentes os reprezentantes dos Carpinteiros, Pedreiros, Pintores, Tecelões, Trabalhadores em Veiculos, Chapeleiros, Gráficos, Metalurjicos, Canteiros, Vidreiros de A. Branca.

Discute-se sobre a festa que se realizará em S. Paulo no dia 16 de maio em comemoração do aniversário do movimento pela conquista das 8 horas e para àtivar a propaganda entre as classes de operários que não gozam àtualmente desta melhoria. E' nomeada uma comissão de sócios dos diversos sindicatos para formular um programa que será posto em discussão na próssima assembleia. No programa deverão figurar: um apêlo aos trabalhadores, pedindo a abstenção do trabalho nesse dia; um comicio público e uma *soiré* de propaganda.

Sobre o *Boicote à casa Matarazzo* a discussão adquire muita animação, tomando parte nela muitos dos prezentes. Reconhecida por unanimidade a necessidade de dar novo impulso á propaganda do *Boicote*, decide-se a fundação dum Comité «*Pró Boicotes*» com o escluzivo encargo de cuidar do *Boicote à caza Matarazzo* e de outros que porventura sejam declarados por conta da Federação. Este comité será composto de dois socios de cada sindicato, escolhidos entre os mais àtivos e que tenham mais tempo para dispôr. O comité «*Pró Boicotes*» fica desde já funcionando com 2 delegados nomeados pela «Liga dos Trabalhadores em Madeira». A estes juntar-se-ão os que fôrem nomeados na primeira reùnião geral de cada sindicato. O Comité «*Pró Boicotes*» está autorizado a receber todas as quantias que por esta iniciativa queiram dar as Ligas de S. Paulo e do Interior. A «Liga dos Pedreiros» de S. Paulo já deliberou aussiliá-la com a quantia de 20$000.

Sobre o folhetim «*O dia de 8 horas*» comunica-se que já foi encomendada a tirajem de 5000 ezemplares que estarão prontos antes do fim deste mez. Chegaram as seguintes encomendas: da «Liga dos Pedreiros» de 500 ez.; da Liga dos Trabalhadores em Madeira», de 250; do «Sindicato dos Metalurjicos», de 100; e da «Liga de S. Bernardo», de 200.

Nas VÁRIAS discute-se sobre *o 1.º de Maio*. Delibera-se, aceitando uma proposta do reprezentante dos pintores, publicar um numero especial da «*Luta Proletária*», convidando os operários à abstenção do trabalho naquêle dia e pondo em evidencia o verdadeiro significado da data que se vai comemorar. Na séde da «União» realizar-se-á, no dia 1.º, um comicio operário, no qual todos poderão uzar da palavra.

O reprezentante dos Gráficos pede a atenção dos operários para os últimos acontecimentos em que morreram, vitimados pela cubiça do capital e pela inesperiéncia dos mandões, alguns operários. Diz ser necessária uma àção enérjica para protestar contra tamanha infámia. Trava-se sobre este assunto animada discussão, ficando por fim deliberado continuar com a maior enerjia a campanha começada pela «Luta Proletaria» e aproveitar a primeira ocazião que se aprezente para realizar um protesto na praça pública.

Cronica internacional

AUSTRIA

No dia 25 de maio próssimo e nos cinco dias seguintes reùnir-se-á em Vienna o 7.º Congresso internacional de tecelões.

SUISSA

O congresso d'Yverdon.

Publicamos as decizões deste congresso operário, no qual tomaram parte todos os reprezentantes das associações operárias da Suissa romanda.

O congresso votou por unanimidade uma proposta convidando as sociedades operárias aderentes a organizar aulas para os filhos dos proletários.

Considerando que os jornais revolucionários da Italia são relativamente numerozos, foi rejeitada uma proposta de imprimir em italiano uma parte da *Voix du Peuple*.

Discutiu-se com muita animação a respeito do *funcionalismo operário*. A grande maioria dos delegados declarou-se contrària aos secretários permanentes, que são danozos para a emancipação do proletariado.

Fôram rejeitadas as propostas de modificação dos estatutos e do titulo da Federação.

A União operària de Genebra ficou considerada como secção central com encargo de nomear o futuro comité federal.

POLONIA

A àção direta e os partidos politicos.

O periodo revolucionário que a Polonia, como a Russia, tem atrevessado nestes ultimos anos, deteve um pouco naquêle paiz a marcha do sindicalismo. Mas no ponto de vista da luta de classe e da áção dos partidos politicos, a Polonia, como a Russia, podem dar-nos muitos ensinamentos.

E' muito interessante o que se refere a greve dos operários da industria do calçamento em Versavia; greve que teve começo nos principios de Julho 1907 e que durou 6 mezes.

Ao *lock-out* que os grandes empreiteiros russos começaram a aplicar contra a opozição operária, responderam os trabalhadores da industria do calçamento com a greve geral, por solidariedade. Os partidos politicos têm posto em pratica todos os meios para convencer os operários a não abandonarem o trabalho, aconselhado-os — quando abalados pela mizéria — a tornarem-se membros duma camara sindical e reùnirem pouco a pouco bastante fundos para assim poderem garantir o successo dum movimento.

Mas os operários recuzaram-se a seguir os conselhos dos demagogos politicos e recorreram a tática da áção direta. Esta áção foi levada a efeito pelos grevistas com tal enerjia, que alguns fabricantes que tinham abandonado a cidade indo morar nas vilas campestres, não se achando tranquilos, mesmo nas suas rezidencias de verão, mandaram pedir ao comité revolucionàrio da greve licença para voltar a Varsàvia, onde assinaram um compromisso, cedendo as ezijencias dos operários.

Portanto, se os trabalhadores da industria do calçamento alcançaram esta esplendida vitória, devem-no escluzivamente ao facto de terem adótado na sua campanha a tática da áção directa.

Naturalmente, a policia de Varsavia não ficou inátiva. Mas apezar da prizão de 200 companheiros, apezar de todas as barbaridades cometidas, os operarios ganharam esplendidamente a sua cauza.

ESPANHA

A situação na Espanha fica de dia para dia mais critica sob o reinado do feroz Maura, digno émulo da portuguez Franco. As pesquizas, as prizões já se não contam, principalmente em Barcelona onde a reàção tem posto em prática os meios mais infámes para perseguir e acuzar os ajitadores operários.

A Solidariedade Operaria, federação sindical de Barcelona, que comporta cerca cincoenta associações operarias projeta realizar um comicio público para protestar contra a reàção do governo. Outros comicios se estão preparando em Maton, Saragoza e outras cidades de Espanha.

BOÉMIA

O movimento Sindicalista

Num congresso realizado pela «Ceska Federace Vsech Ovboru» — Federação de todos os oficios da Boémia, — esta deliberou:

1.º Aderir, por principio, á ideia dum novo secretariado internacional, conforme a decizão tomada pelos sindicalistas revolucionarios em Amsterdam;

2.º pôr-se em relação com as ociedades operàrios *não politicas* do estranjeiro para fundação do secretariado sindicalista internacional. A Federação tcheque tem àtualmente 1900 membros incluido os mineiros que pertencem à «Federoção dos mineiros austriacos».

Os grupos da C. F. V. O. são entre si completamente autónomos, e têm quotizações especiais para ajitação, aussilios de viajem, creação de bibliotecas etc.. São ali adotados todos os métodos da áção directa contra o capital, o estado, a igreja.

O movimento sindicalista tcheque tem atualmente 5 jornais:

Komuma (a Comuma) que é órgão da C. F. V. O. publica-se duas vezes por semana e faz propaganda do sindicalismo revolucionário sobre as bazes ba neutralidade politica;

Práce (o Trabalho); publica-se duas vezes por mez;

Hormicke Lisly. (Jornal dos Mineiros) que se publica uma vez por semana e é órgão da Federação dos mineiros.

Proletar. (O Proletário); publica-se de 15 em 15 dias e defende os interesses dos operários tecelões;

Primá Akce. (A Acção Direta): publica-se uma vez por mez e dedica-se á propaganda da movimento sindicalista revolucionário.

FINLANDIA

Apoz um periodo di frieza no movimento sindicalista da Finlandia — periodo que vai desde 1899 a 1905 — nota-se agora um promissor des-

spertar de enerjias: isto desde a greve geral de 1905, na qual os operários adquiriram o direito á livre associação. Muitos novos sindicatos fôram fundados, e no dia 22 de Julho daquêle ano, numa reùnião a que assistiram os conselhos de 18 sindicatos, ficou decidida a fundação da «Organização nacional Sindicalista» do paiz.

Esta organização foi definitivamente fundada no Congresso dd Tammerfors realizado de 15 a 17 abril de 1907. No primeiro de Janeiro deste ano, estavam filiadas á «Organização Nacional» 422 sociedades de oficios reprezentando um total de 22284 membros 2245 dos quais eram mulheres.

BULGA'RIA

A grande maioria dos sindicatos búlgaros esteve até hoje dividida em dois partidos: Os sociaslistas parlamentares e outros de tendencias libertarias; ha tambem algums sindicatos neutros. E' esta a eterna historia da divizão dos operarios pela politica. As comissões de diversos sindicatos estão procurando realizar a união de todas as sociedades de rezistencia e chamaram os sindicatos de todas as tendencias a um congresso que se realizará no dia 1.º de julho deste ano, no qual será discutido e posto em aprovação um programa de tática comum.

FRANÇA

Pelos tribunais foram absolvidos os membros da Confederacão Geral do Trabalho, acuzados de terem assinado um manifesto antimilitarista.

A guerra contra as «Bolsas do Trabalho» continua sob o atual govêrno republicano. Atualmente o Conselho municipal de Bordeaux tenta impôr à «Bolsa do Trabalho» daquela cidade um regulamento que os operarios não querem aceitar. Os marceneiros abandonaram já o lócal da «Bolsa» e ha muitas probabilidades de os outros sindicatos fazerem o mesmo.

PELO ESTADO

Campinas

(Corr.) Ha aqui em Campinas um célebre empreiteiro, caloteiro de primeira ordem, chamado Dr. Tito Martins Ferreira. Este tipo esta adotando um sistema *art nouveau*: não pagar os operários que trabalham para êle.

Os pedreiros labutam no serviço dêle um, dois, trez mezes, e durante essa temporada é-lhes terminantemente prohibido pedir dinheiro para o sustento das suas familias.

Se vão á rezidencia do Doutor pedir dinheiro, é proibido; se lh'o pedem no serviço, é proibido; se para o mesmo fim o procuram no escriptorio, é proibido; se lhe falam em receber ordenado quando o encontram na rua, é proiçido; e afinal quem tem o atrevimento de ezigir que lhe pagam os ordenados de dois ou trez mezes atrazados vai parar ao xadrez.

Isto aconteceu ontem a alguns pedreiros das obras do tal Dr. Martins.

Depois de trabalharem trez mezes, e tendo necessidade de levar mantimentos ás suas familias, fôram procurar o Doutor e pediram-lhe que ou lhes saldasse a conta ou lhes desse pelo menos alguma quantia por conta; foi quanto bastou para que o bruto se enforecesse: e os operários fôram vilmente insultados e levados para a cadeia—porque, disse êle, tinha sido agredido.

A autoridade. depois de ter ouvido as declarações dos prezos mandou-os immediatamente soltar.

O Martins vendo frustado o seu plano e certo de que as suas vitimas voltariam a pedir o que lhes pertencia, seguiu no dia immediato para S. Paulo. E' assim que esta gente nos burla a todos nós operários, quando a desgraça nos faz cair nas suas garras de vampiros. E' precizo notar que este Doutor é um assiduo frequentador da Igreja onde vai todos os dias, talvez para pedir ao seu Deus, inspiração para melhor esplorar os seus operários, para roubar a pobres pais de familia o seu mais que sagrado suor. E não ha na cadeia um lugarzinho para tipos destes?

Aos assinantes de Campinas, da «Luta Proletária» pedimos o obséquio de procurarem o companheiro encarregado das cobranças, na séde da nossa Liga: Rejente Feijò 39.

Do Rio de Janeiro

Confederação Operaria Brazileira

Partecipo a todos os delegados da Confederação, que no dia 20 do corrente, às 7 e meia horas da noite realizar-se-á a assembleia mensal ordinaria para tratar da seguinte

Ordem do dia

Leitura da ata anterior:
Espediente;
Balancetes dos gastos feitos pelas duas comissões provizórias.
Assuntos gerais.
Pede-se o comparecimento de todos os delegados. O 1.º Secretario.

Avante operariado!

Graças, que sob a direcção de operários intelijentes e amigos do progresso, temos em S. Paulo um jornal para defender os nossos direitos quando conspurcados pela ganancia da burguezia.

O operàrio no Brazil, penozo è confessar, não tem valor nenhum, não é considerado perante esta sociedade corrompida e nefasta que o vê na luta quotidiana, trabalhando para o bem-estar da colectividade, porque os burguezes com as suas azas vampìricas o esploram, pouco se lhes dando que o remorso venha tirar-lhes o socego.

Nós, que mal despertos, marchamos logo a caminho das oficinas, definhamos no trabalho e nada arranjamos, principalmente aqui, onde a ambição do potentado crece como as aguas do magestozo Paraìba, em ocaziões de cheia.

Crece vertijinozamente, mas ha de caír fatalmente quando todos nós nos unirmos um dia e ezijirmos o valor do nosso trabalho.

Passemos, agora, ao célebre sorteio militar.

Campos, esta terra que tem produzido filhos tão notáveis, e que outr'óra foi feliz, não pode absolutamente quedar-se deante da guerra que os nossos companheiros daì, fazem a essa burla do sorteio militar obrigatorio.

Esse negocio de se dizer que não ha escolha de pessoas, é uma quimèra, porque hoje no Brazil só ezistem leis para os fracos.

Para os fracos, sim: porque não podemos acreditar que, sendo sorteado um homem de pergaminho, êle abandone o seio de sua familia e vá servir governos que se não incomodam com a sorte alheia.

Esses que têm dinheiro passam muito bem, porque deixam as suas familias na maior das opulencias e vão tranquillos, convictos de que èlas não sofrerão necessidades.

Mas o mizero operário que tem uma grande prole, não pode deixá-la na mizéria para ser agradavel a republicanos que não têm a menor fibra de patriotismo.

Se o govêrno se encarregasse de sustentar as nossas familias, vá lá; mas êle e seus comparsas que vivem dormindo o sono solto, em camas luxuozas, pouco se importam que os nossos filhos fiquem sem os carinhos paternais.

O deputado Alcindo Guanabara, que è um burguez conhecido, defendeu o tiránico projeto, porque sabe que está izento dessa armadilha em má hora saída da cachola do sr. Hermes da Fonseca.

E este marechal teve o descôco de dizer que as ruas dessa capital hão de ficar lavadas em sangue, mas o acto do govêrno ha de ser respeitado. Como se nòs estivessemos sob o dominio do imperio moscovita!

O sorteio militar, além de ser uma lei absurda, vai, mais tarde, servir de vinganças a esses politicos ratoneiros que compôem as oligarquias estaduais.

A prova evidente estamo-la vendo na famoza lei Roza e Silva, que veio apregoando o *voto livre*, e segundo a qual só poderiam ser qualificados os individuos que tivessem mais de 21 anos.

Doce engano!... Conheço aqui no Estado do Rio, rapazes com 16 a 17 anos votando.

Pelo que li na imprensa carióca, o seu inventor foi o primeiro a deturpá-la.

Pobre do operário que ainda acompanha a capadoçajem desses republicanos enfatuados, que só fizeram a Republica para viver sem trabalhar!

A questão social é que é a questão essencial, cuja solução virá fazer a paz no lar da familia e o bem-estar das nações.

Deixemos que esses vampiros sociais digam que ela è a única cauzadora da revolução em um paiz, porque com a mesma satisfação que Erostrato incendiou o templo de Diana, nòs tambem havemos de ver o nosso lema pregado com letras de ouro na bandeira da liberdade!

A Federaçã Operaria do Rio tendo à frente companheiros como Mota Assunção, Eloi Pontes e outros de igual tèmpera, faz bem e muito bem, em levantar o seu brado de protesto contra esse aniquilamento individual, brotado duma cabeça que não sofrerà as suas funestas concequencias.

Os nossos olgozes que tenham paciencia, porque a emancipação operária neste colosso da America do Sul, ha de ser feita com a evolução das couzas, ou então quando a burguezia, cançada de roubar, caír esvaída no chão da desgraça, devido ás mizérias e injustiças que pratica com o operário.

Quando os nossos esploradores disserem que a nossa opinião nada vale, temos a de muitas notabilidades, entre elas a de Luiz Bertrand, o grande socialista belga, que disse que o socialismo è um estado de civilização superior, no qual todos os homens, mediante um trabalho simples, terão direito a todas as vantajens da vida, pela pratica da solidariedade.

Sendo a nossa teoria internacional, devemos, portanto, seguir o herveísmo e deixar os corifeus da pátria com as suas invenções patrioticos.

A «Luta Proletaria» como sentinela avançada do proletariado brazileiro, tem o direito de protestar contra semelhante tirania que, socialisticamente falando, é um atentado ás familhas operárias.

E nós operàrios, devemos empregar todos os esforços para que este jornal viva eternamente, embora a contragosto do burguez esplorador!

Campos, março de 1908.

AMARO DE MATOS.

Telegramas da Semana

Os acontecimentos de Roma

Os bandidos fardados, os grandes criminozos, as hyenas sedentas de sangue, mais uma vez, assassinaram proditoriamente, certos da sua impunidade, alguns proletários.

As Ligas Operárias de Roma—Italia tinham deliberado de acompanhar ao cemiterio o feretro dum operário, morte por um acidente no trabalho.

Ao embocar na Praça de Jesus *foram enfrentados por grande numero do carabineiros e guardas civis que pretendiam impedir-lhes a passajem. Ao protesto dos demonstrantes responderam êles a tiros de carabina. Morreram dois companheiros nossos: o tipografo Milani e o pedreiro Chiarelli secretario da Liga dos Pedreiros, um reporter de jornal e o ajente de policia Pallotta. Houve de ambos os lados cerca de 30 feridos alguns dêles gravemente.*

A noticia destes acontecimentos provocou a indignação de todo o proletáriado de Italia que tentou organizar uma greve geral de protesto. Em defeza porem da ordem burgueza levantaram-se todos os amfibios de Italia, a greve geral foi tenazmente combatida, puzeram-se em obra todas as influencias, todas as más artes para fazer abortir o movimento, que acabou de facto como bola de sabão.

O proletáriado italiano não conseguiu ainda livrar-se das garras dos politiqueiros de toda a especie e portanto era de prever-se que a sua àção a sua iniciativa encontraria, mesmo em cazos tão serios como este, mil obstaculos á sua livre realização. Muitos interesses pessoais e de partido estão aiuda ligados ao movimento proletário da Italia.

Mas...até quando?! N. d. R.

FOLHETIM N.2

A RAIZ DO MAL

DE

LEÃO TOLSTOI

A alguma distancia desta brilhante companhia, vem numa carroça uma rapariga sorridente, muito bem penteada e frizada, com um vestido claro, e um homem robusto, faces vermelhas, suissas cuidadozamente tratadas e de cigarro na boca, segredando o que quer que fosse ao ouvido da sua companheira.

Vèem-se sobre a carroça alguns pacotes embrulhados em guardanapos, e uma caixa com gelados.

São os creados desses senhores que vão ali adeante na carruajem, a cavalo e nas bicicletas. Esta gente nunca tivera uma boa ocazião, como esta, para se divertir.

Em pleno verão. as pessôas de dinheiro podem fazer destes passeios, verdadeiros *pic-nics*, onde não faltam os refrescos, as gulozeimas de toda a espécie, procurando assim uma variedade para as suas refeições, que de ordinário se fazem á meza, dentro de caza, debaixo da telha e no mesmo sitio.

Estes cavalheiros e damas constituem trez familias, que moram no campo, nas suas quintas. Uma é a familia dum proprietario de mil courelas; a outra é a de um funcionario que percebe o ordenado de trez mil rublos, e a terceira, a mais rica, é a de um industrial. Todas estas creaturas são realmente alheias à mizeria, e incapazes de se sentirem maguadas com as privações e o trabalho aturado e duro dos desgraçados que èem em volta.

Parece que isto para êles é um facto que está na ordem natural das coizas, porque se absorvem em outras preocupações.

— Não! isto é superior ás minhas forças, não posso continuar a ver isto, diz a amazona, fazendo parar o caleche. Depois de trocadas algumas palavras em francez, de rizos, fazem subir o cão para a carruajem, e em seguida põem-se outra vez a caminho, levantando nuvens de poeira que cobrem os britadores de pedras.

O caleche, os cavaleiros, os ciclistas passaram como seres de outro mundo. Os operarios da fabrica, os britadores de pedras, os aldeões, continuam por conta de outros no seu labor monotono que só acabará com a morte.

— Eis ali os felizes — dirão êles comsigo, seguindo com os olhos todos os pormenores dos passeantes. Então, a sua ezistencia de forçados parece-lhes ainda mais dnra.

II

Porque?!

Estes trabalhadores perpetraram algum crime para espiar daquele modo a sua sorte?

Não poderão éles compartilhar a sorte comum de todos os homens? E os outros, os felizes que acabam de passar em carruajem e em bicicletas, fizeram alguma coiza superior, util, consideravel, para serem recompensados daquele modo?

Não! Muito pelo contrario, êles são muito menos honestos menos puros, mais cinicos, mais viciozos, mais lubricos, mais debochados, mais ociosos, que esses infelizes a quem o destino amarrou ao potro do trabalho, conservando sempre a pureza, a honestidade, costumes sãos.

Estas coizas estão assim estabelecidas, como uma ordem natural, considerada regular numa sociedade, que se diz professar a lei divina do amor ao proseimo — proclamando-se um mundo culto, de homens aperfeiçoados.

E esta ordem de coizas eziste não só no dastrito de Toula, que ao meu espirito se reprezenta mais vivamente, mas em muitas outras cidades da Russia, da França, da Alemanha, da Italia, Espanha, America, Australia e até nas Indias e na China.

Em toda a parte dois ou trez, homens oprimem um milhar e de tal modo é feita esta opressão, que èles, sem produzir nada, mas gastando sempre, comem, bebem e alimentam-se com o que bastaria para o consumo de centenas de pessoas durante um ano.

Estes parazitas vestem-se com um luxo que reprezenta um dispendio espantozo; habitam palacios onde poderiamc alojar-se milhares de trabalhadores; dispendem na satisfação dos seus caprichos o produto de milhares de milhões de salarios; e os outros, os trabalhadores não comem o necessario, trabalham mais que suas forças requerem, arruinando a sua saúde fizica.

Em caza daqueles felizes, quando uma mulher está gravida, chamam uma parteira, um medico, quando não são dois os assistentes.

Mandam fazer um rico enxoval, todo guarnecido de fitas, de sedas; encomendam um flecsivel berço assente em molas suaves; em caza dos mizeraveis, que são em maior numero, as mulheres parem á sorte, ao acazo, sem socorros de qualquer especie, envolvendo o recem-nacido em trapos, em andrajos, arranjando-lhe um berço de palha e regozijando-se quando o filho morre.

Ha recem-nacidos que são tratados carinhosamente pela parteira, pela ama, em quanto a mãe está de cama os nove dias; ha outros que não têm ninguem que trate deles, cujas mãis, logo ao seguir ao parto, se têm de erguer da cama, acender o lume, tratar da vaca, e, muitas vezes, lavar a roupa branca do marido e dos filhos.

Ha creanças a que se prodigalizam todos os brinquedos e cuidados de educação e prazeres; e outras que logo de começo, ainda muito novinhas, andam de ventre nú, espostas a ser estropiadas ou devoradas pelos porcos e começam a trabalhar na tenra idade de cinco anos.

Ha creanças que são logo iniciadas nos segredos da ciencia, consoante as propensões das suas intelijencias; e outras que nunca aprendem nada e apenas recebem a instrução precaria e ocazional, embrutecidas desde a infancia com doutrinas falsas ou subordinadas a supertições barbaras.

(*Continua*)